

CANGACEIRO

José Tomé de Oliveira, 83, natural de Jardim. Andou no bando de Lampião quando rapaz. Seu nome no cangaço era "Louro". Deslembado das mortes que causou, anima a festa do Padroeiro na banda cabaçal São Vicente de Paulo, de Barbalha

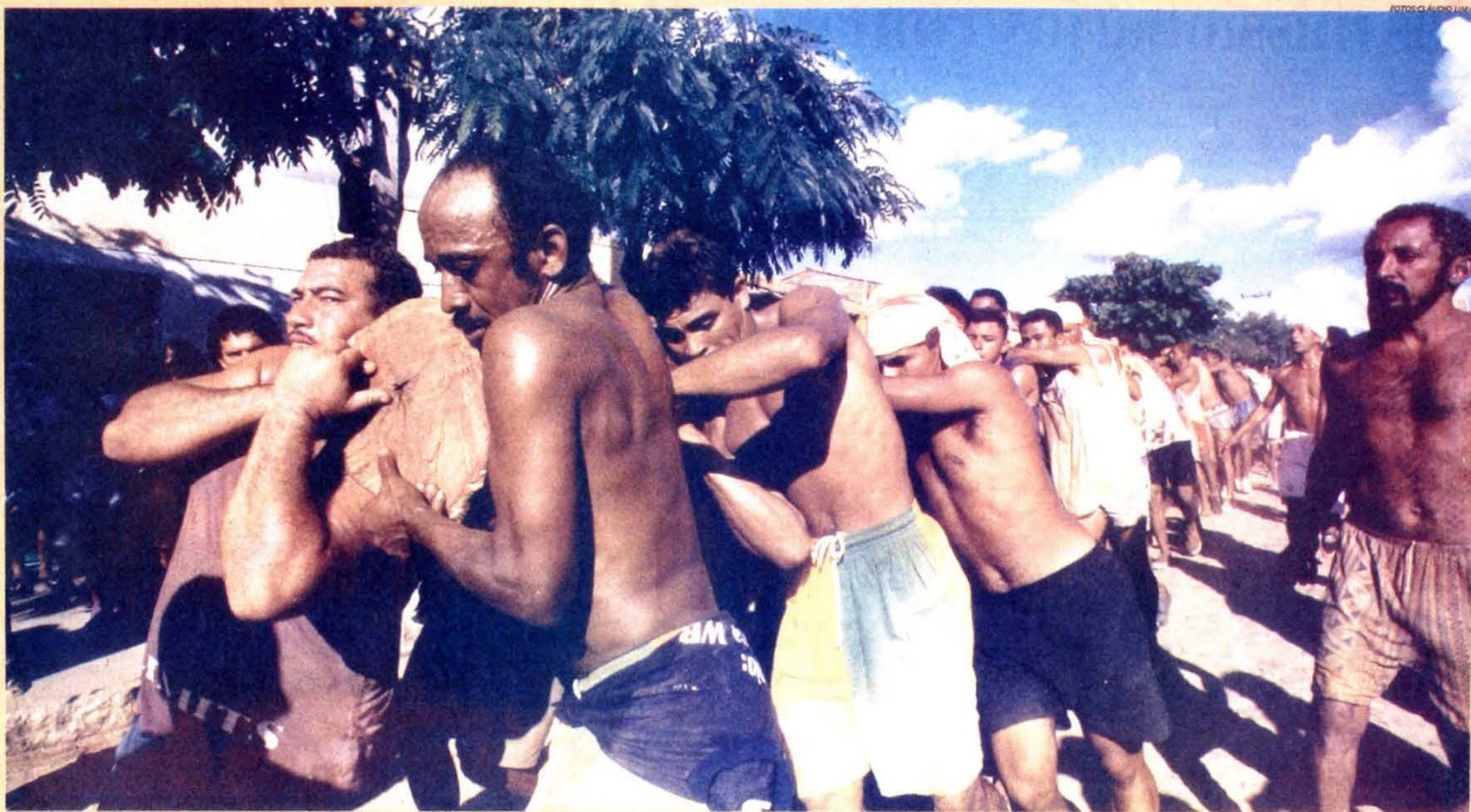


(POVO) / Fortaleza - CE, quinta-feira

1B

vida & arte

5 de junho de 1997



Homens carregam o pau da bandeira, no final da tarde, na entrada da cidade de Barbalha, no último domingo

Barbalha de Santo Antônio

Santo Antônio merece as honras. Afinal, é santo casamenteiro. Nessa hora, para conseguir um amor que se quer eterno, homens e mulheres não medem esforços. Em Barbalha, onde Antônio é padroeiro, a reverência começou domingo, com direito a alvorada com fogos de artifícios e banda de pífanos ■

"Matrimônio, matrimônio/ Isso é lá com Santo Antônio/ Santo Antônio me case já/ Enquanto sou moça e viva/ O milho colhido tarde/ Não dá palha e nem espiga" (Do imaginário popular)

ANA CLÁUDIA PERES
Enviada Especial a Barbalha

■ Criança, personagem infantil do Reis de Congo



o lugar; bacamartes dispararam a torto e direito; solteironas repetem a ladainha para conseguir marido; e bandos de homens transportam uma madeira de lei. A história é conhecida.

Começa cedo: às cinco horas da manhã, uma alvorada acorda Barbalha com bandas de pífanos e uma salva de fogos de artifícios. Isso dura até às nove, quando o padre Renato Simonetto, vigário do lugar, celebra a abertura dos festejos numa missa que este ano reuniu 33 grupos folclóricos — do reisado às quadrilhas; dos bacamartes aos penitentes; da capoeira às bandas cabaçais. Mesma hora, a 10 quilômetros dali, no Sítio São Joaquim, o Pau de Santo Antônio dorme na cama e uma centena de homens tenta tirá-lo do sono. Bebem todas. Comem uma farofa. Banham de bica. Ficam no ponto para o ritual. Cabe a eles conduzir o gigante de três toneladas por uma estrada carroçável que desemboca na Praça da Igreja Matriz. Se saírem ao meio-dia, conforme o combinado com o Capitão do Pau, Tarcísio Duarte, à tardinha cumprem a missão. É o que fazem.

Como reza a tradição, no último domingo de maio ou primeiro de junho chegam os festejos que se estendem até o dia 13, quando se comemora o aniversário de Santo Antônio, o casamenteiro. Ninguém sabe ao certo como essa história do Pau de Barbalha teve início. Napoleão Tavares, médico local, credita ao Padre Ibiapina, que passou por ali em meados do século XVIII, a invenção. "Ele costumava mandar erigir um mastro nas casas onde estivesse havendo novena", interpreta Tavares. "Na ponta do mastro, o padre recomendava ainda que colocassem a bandeira do Santo". Então, faz sentido. Mas há quem aposte numa versão mais antiga. Corre à boca miúda uma origem indígena para a tradição: teria nascido com os índios Cariris, que recebiam com grandes celebrações os outros que ali chegavam para bebericar as "águas sagradas" de Barbalha. Só depois, com os portugueses e a colonização pelos jesuítas, a Igreja Católica teria adequado a festança ao culto a Santo Antônio.

Outra: João Filgueira Teles, também médico, que há 69 anos é o Doador do Pau, puxa da memória a sua explicação. Um certo Padre José Correia, impetuoso demais, chegou em Barbalha no

ano de 1928, introduzindo uma série de modificações na Paróquia. "Uma delas foi a história do Pau da Bandeira", relembra, acrescentando que, até ali, a brincadeira já existia mas confinada às festinhas juninas. "O padre chamou o chefe da Filarmônica, sr. Taumaturgo Ferreira, e explicou o que queria no programa", conta cheio de detalhes. Taumaturgo teria dito textualmente: "Sr. vigário, aqui, quem tem a melhor mata e a mais próxima da cidade é o sr. João Teles, mas ele é muito enganento com a mata dele". Ao que o vigário retrucou: "Mas é pra tirar de lá mesmo". Começava assim a longa doação. Antes de morrer, João Teles, o pai, deixou autorizada a extração de suas terras. O filho não se atreveu a mudar o rumo das coisas.

Nesse tempo todo, por dois anos apenas, o pau saiu de outras paragens. Não satisfez: percurso pequeno demais para os carregadores, mata menos atraente, isso ou aquilo. Doutor João Teles teme pela exaustão da sua e já pensou em sugerir o Museu do Pau, que guardaria de um ano para o outro — com as condições adequadas — o Pau de Santo Antônio. Ainda bem que reconheceu a tempo que enganar santo pode não ser uma boa idéia. Ao se sentir logrado, talvez Santo Antônio não mais quisesse atender às solteironas que costumam fazer chá com as lascas, rabiscar seus nomes, tocar ou escanchar no Pau para sair do carité. É que o velho doador também andou se decepcionando com a arrumação: "Foi há alguns anos, quando comecei a ver pessoas embriagadas demais, nuas e com menores de idade no meio da mata", resmungou. "Resolvi me rebelar porque não perduma compactuar com aquilo. Eles se assustaram e as coisas melhoraram um pouco. Mas eu acho que a brincadeira cresceu muito em sentido social e folclórico. Perdeu no religioso".

Que mudou, mudou. O velho puxador que cantava seus repentes foi substituído por um carro de som que badala o tempo inteiro; a cada 20 metros quando o pau vai ao chão, os homens continuam sentando para não perder o lugar na hora de subir outra vez, mas aí a música que se ouve é o apalermado grito de "Eu tô malucoooo!"; os marmanjos ainda se mantêm nus da

cintura para cima e cobertos de barro vermelho, fazem uma força descomunal do começo ao fim, arrancam-se, ferem os ombros e mutilam-se, mas não estavam às quedas com a Cachaça do Vigário que tanto já deu o que falar; também não se viam mulheres atirando-se sobre o Pau — à exceção de uma ou outra adolescente de



brincadeira. Tudo bem. Não faz perder o brilho da festa. Por onde passa, o Pau arrasta a cidade. E quando chega à Igreja, mais uma vez, o espetáculo está completo. O Vida & Arte foi até Barbalha, conferir as primeiras 24 horas da Festa de Santo Antônio, conversar com seus personagens e ver a quantas anda a tradição.

(Leia mais nas páginas 4, 5, 6 e 7B)

■ Epitácio dos Santos é o personagem Mateus, do Reis de Congo

Há 10 anos não sai do meu pé. Virou paixão.



10 ANOS

MEASOLA